# O problema fundamental da gramática - 12/03/2024

\_Verifica se falamos de coisas ou de fatos\*\*[i]\*\*\_  
  
Hacking retoma argumentação de Russell de que a forma gramatical S-P pode ser  
parafraseada pela forma lógica pela qual “existe pelo menos um S, há no máximo  
um e todo S é P”. Hacking esclarece que, para um argumento dedutivo válido, a  
conclusão decorre das premissas em virtude de sua forma, caracterizada desde  
Aristóteles como “todo A é B, todo B é C, portanto todo A é C”.  
  
Não obstante isto, o fato de uma sentença poder ocorrer tanto em premissas  
quanto em conclusões leva a uma crítica de Strawson que rejeita essa forma  
lógica, já que enunciados poderiam ocorrer em diferentes classes gerais de  
inferência. Hacking não acata essa objeção ao dizer que o intuito de Russell  
vai mais além pois ele não pretende tratar somente de inferências. Haveria uma  
forma lógica para uma sentença que é subjacente a todas as formas lógicas  
propostas por Strawson e que permite que ela tenha significado.  
  
Russell estava interessado, em sua concepção, em condições sob as quais  
determinada sentença é verdadeira. Em associação com o primeiro Wittgenstein,  
essa concepção assere que as verdades correspondem aos fatos, isto é, a  
estrutura dos fatos poderia ser investigada pela forma lógica de sentenças  
verdadeiras a eles correspondentes e, com isso, abrir um campo de metafísica  
especulativa.  
  
Contudo, o próprio Wittgenstein parece aderir, de acordo com Hacking, a um  
\_idealismo\_ \_linguístico\_ que restringe o conhecimento dos fatos com o qual  
temos familiaridade aos limites de linguagem, não à realidade dos fatos, de um  
mundo “lá”, independente de linguagem. Atualizamos Berkeley que dizia que não  
há mundo senão o percebido, em Wittgenstein, como o dito que \_ser é ser falado  
a respeito\_.  
  
Hacking, então, remete ao século XVII novamente para ressaltar a importância  
da gramática e como a linguagem pode falar de coisas, já que a primeira é  
articulada e as segundas são totalidades. O malmequer, por exemplo, é uma  
coisa única, mas as palavras ocorrem em sequência[ii]. Isso fica claro pela  
teoria da referência quando sentenças da forma S é P (sujeito-predicado) se  
referem a coisas com propriedades e são verdadeiras se tem aquelas  
propriedades. O problema é que o objeto é um todo não articulado e não coisa  
de um lado e propriedade de outro.  
  
Isso posto, Hacking postula: “O problema da gramática geral é explicar como a  
linguagem articulada realiza a representação de uma parte não articulada do  
mundo.” Ou seja, como as palavras se juntam na cópula que representa o objeto?  
Hacking argumenta que, como não foi possível fazer com que a cópula  
funcionasse da mesma maneira, surgiram diferentes gramáticas para as  
diferentes famílias de linguagens. E é Wittgenstein que traz o Tractatus para  
nos socorrer propondo que o mundo é feito de fatos e não de coisas e eles são  
articulados como as sentenças que os representam, os objetos se encaixam. Fica  
para trás o mundo das coisas e então “a proposição analisada não é sujeito e  
predicado, mas uma concatenação de nomes” (p. 93). Embora Hacking entenda que  
Russell ainda tenha mantido um mundo de coisas, o “isto”.  
  
Se a forma lógica russelliana seria uma tentativa de responder ao problema da  
gramática, Hacking sugere que ela pode ser uma forma gramatical profunda, o  
que teria um paralelo com a proposta de Chomsky de uma gramática constituída  
de uma estrutura superficial projetada por regras de uma estrutura profunda a  
ela subjacente. Da proposta de Russell pode ser extraída uma lógica de  
primeira ordem das sentenças do inglês, como proporá Davidson. Mas esse  
caminho é rechaçado pelos seguidores de Chomsky que se mantem à estrutura  
sujeito-predicado, oriunda da gramática antiga. E essa é uma disputa em  
aberto, de acordo com Hacking.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento do oitavo capítulo de \_Por que a linguagem interessa à  
filosofia?\_ São Paulo: Editora Unesp, 1999. Ian Hacking. O capítulo se chama  
\_A articulação de Ludwig Wittgenstein\_.  
  
[ii] A parte a teoria das ideias e se uma ideia é uma totalidade ou  
articulada.